

Boletim Adventista

Director e Editor: Ernesto Ferreira
Proprietária: Casa Publicadora Angolana
Redacção e Administração: Missão Adventista
C. P. 3 - Nova Lisboa

Composição e Impressão: Missão do Bongo
Lépi

NÚMERO AVULSO 2\$00
ASSINATURA ANUAL 20\$00

Ano III — Número 28

Abril de 1965

A Oração do Lavrador

Não deixes que eu jamais retorne atrás, Senhor!

No azado eu tenho as mãos, tão frágeis e cansadas,

E enxergo em meu redor só terras não lavradas . . .

A solidão é imensa e o sol abrasador.

Que pode ser a messe? Um fruto pobre e seco,

Alguma casca murcha e um magro punhadinho

De trigo, murcho e seco. Eu vejo-me sôzinho!

Dizijo o olhar em torno, e sinto-me tentado

A retornar, tristonho, atrás, desalentado . . .

Não deixes Tu, porém, que eu volte atrás, Senhor!

O braço da chazua acha-se humedecido

De pranto e de suor;

E o bico enferrujado e do uso cozzoido.

Apesar disso, insisto ainda em meu pedido:

Não deixes que jamais retorne atrás, Senhor!

Isaac Nicolau Salum

O DOM QUE CONTA

por R. R. Figuhr

Presidente da Conferência Geral

É difícil um adventista do sétimo dia imaginar hoje o tempo em que não tínhamos Escolas Sabatinas. Foi em 1852 que o Pastor James White sentiu um fardo especial pelas nossas crianças e jovens e decidiu preparar uma série de lições para eles, as quais deviam aparecer no *The Youth's Instructor*. Escreveu ele: «Tencionamos publicar uma pequena revista mensal, contendo assunto para benefício da juventude... Tencionamos apresentar quatro ou cinco lições sob a forma de perguntas e respostas, em cada número, uma para cada semana, para as lições da Escola Sabatina. Estas Escolas podem realizar-se onde haja apenas duas ou três crianças bem como onde haja mais».

Assim começou o programa semanal do estudo da Bíblia para a nossa juventude. A princípio as lições eram usadas nos lares adventistas. Em breve, porém, se tornaram parte das reuniões de culto do nosso povo. Os adultos também se organizaram em classes para o estudo da Bíblia. Em 1890 foi preparada uma série de lições para os jovens das classes avançadas. Por essa altura eram reconhecidas três divisões da Escola Sabatina — a dos adultos, a intermediária e a primária. Eram fornecidas lições bíblicas para cada grupo.

Naqueles primeiros tempos da nossa história da Escola Sabatina foi dada muito pouca atenção ao levantamento de fundos para apoio das Missões. Na realidade, os adventistas não tinham Missões estrangeiras. O nosso primeiro missionário foi enviado em 1874. Só em 1885 é que foi feito o primeiro donativo para as missões. Foi na Conferência da Colúmbia. Em breve as Escolas Sabatinas de outras conferências seguiram este bom exemplo.

Para o fim do século dezanove as Escolas Sabatinas da América do Norte sentiram-se entusiasmadas com as possibilidades missionárias nos Mares do Sul, por altura da visita de John I. Tay. Quando ele voltou das ilhas em 1887 relatou grande interesse pelo Evangelho por parte do povo que ali vivia. Os membros da Escola Sabatina conceberam a grandiosa ideia de auxiliar a levar o Evangelho àquele campo missionário insular. Levantaram 12.000 dólares (cerca de 360 contos) para construir e equipar um barco missionário, e chamaram-no *Pitcairn*. Este nobre pequeno barco zarpou de S. Francisco, Califórnia, para a sua viagem missionária inaugural em 20 de Outubro de 1890, data memorável na história da Escola Sabatina. Membros de várias Escolas Sabatinas da área de S. Francisco, com os seus amigos, reuniram-se para assistir á partida do barco missionário da Escola Sabatina, e uniram as suas fervorosas preces aos seus dons para as missões.

Ao afastar-se o pequeno barco das praias da América, os membros da Escola Sabatina e seus amigos cantaram o hino «Benditos laços são». Desde esse memorável dia, as Escolas Sabatinas têm-se sempre sentido possuídas por um solene senso de responsabilidade para com a nossa obra mundial, e têm sido a espinha dorsal da manutenção das missões. Metade do dinheiro provido para o programa missionário mundial procede das Escolas Sabatinas. Estas escolas não só contribuem regularmente cada semana para a causa das missões mas ajudam a realizar projectos especiais através do excesso da Oferta do Décimo Terceiro Sábado. Este fundo especial é atribuído a projectos particu-

lares, tais como hospitais, escolas, sanatórios, etc., em várias partes do mundo. As Escolas Sabatinas e as Missões têm-se tornado inseparáveis.

Um estranho, visitando uma das nossas Escolas Sabatinas alancorada lá num dos cimos dos Andes, perguntou: «Como é que estas pessoas isoladas no cimo desta montanha podem saber tanto acerca da África, acerca do Sul do Pacífico e da Ásia? Isso não é vulgar. Os seus conterrâneos nunca ouviram falar de Fidji, ou da Bechuanalândia ou de Singapura. Como é que esta gente isolada fala com tanto conhecimento acerca desses lugares?» Não precisamos de ir longe para encontrar a resposta. Cada semana eles ouvem os relatos acerca das nossas actividades missionárias em muitos lugares de todo o mundo. Apoiam regularmente as Missões com os seus centavos, pesos, e até com os seus géneros onde não têm dinheiro. Muitas galinhas, muitos alqueires de batata doce ou de milho, e outros géneros têm encontrado o seu caminho para a causa das Missões, procedentes de mãos e corações que amam a obra de Deus. É natural, portanto, que estas pessoas, embora isoladas em altas montanhas, se sintam profundamente interessadas pela causa das Missões e participem entusiasticamente no programa da igreja de proclamar o Evangelho a todas as nações.

Há muito a serva do Senhor escreveu: «A Escola Sabatina é uma grande bênção». Ela viu sem dúvida, nesses recuados tempos, a influência benéfica que o dedicado dar exerce tanto sobre o doador como sobre o que recebe.

Os nossos primeiros donativos na Escola Sabatina foram em pequenas moedas. O lindo hino, onde aparecem as palavras, «Vão caindo, vão tinindo, as moedinhas», descreve bem a nossa primeira maneira de dar. Mas o dar sistemático e organizado ganhou favor rapidamente à medida que os resultados se tornaram evidentes. As ofertas regulares tornaram possível um firme avanço na nossa obra missionária. Tornou-se evidente que a bênção de Deus estava sobre o plano. A ampliação de horizontes e o encorajamento resultante de

ver a obra expandir-se inspirou ofertas maiores e o estabelecimento de alvos missionários mais elevados. Assim, ano após ano, e década após década, esta fonte de receita para as missões tem aumentado.

É verdade que nem todos têm podido dar exactamente o mesmo. Isso não se espera, nem é possível. Deus mede a dádiva pela capacidade da pessoa para dar, pelo que lhe resta depois de dar. Provavelmente uma das maiores ofertas jamais dadas ao Senhor foi levada para a Sua casa pela viuva pobre, que deu apenas duas moedinhas, equivalentes a menos de cinquenta centavos. Jesus assinalou essa dádiva e disse que aquela viuva tinha dado mais do que todos os ricos que haviam lançado somas muito maiores na arca do tesouro. O Mestre tornou claro que o dom que conta é o dom que custa. Naquele dia, no Templo, todos podiam ouvir o cair das moedas maiores nos 13 receptáculos semelhantes a trombetas destinados a receber os donativos. Ninguém senão Jesus ouviu o débil som ao caírem as duas mais pequenas moedas em circulação. Mas o Mestre viu e notou o dom e declarou que foi um grande dom. A pobre viuva reconhecia que o dar constitui parte importante do culto e tinha vindo ao templo naquele dia para sinceramente adorar o seu Criador.

O ano de 1965 deve testemunhar outro real passo em frente por parte das nossas Escolas Sabatinas no que respeita a dar para as Missões. Os nossos irmãos, ao olharem para o campo mundial com as suas crescentes dificuldades e crises, e ao verem como se fecham portas e as actividades se tornam cada vez mais circunscritas, sentem-se impedidos a chamar para a situação a atenção das nossas Escolas Sabatinas, com um apelo para que cada membro aumente em 50 por cento a sua oferta de maneira que a obra que nos foi confiada possa ser rapidamente levada a termo. Os irmãos não chegaram apressadamente a esta decisão. Ela é resultado de amadurecido pensamento. Vivemos numa época de prosperidade sem igual na história do mundo. É sua convicção que aumentando pelo menos em

Continua na pág. 16

Tudo recebemos de Deus

por Levi Agostinho

«As vossas palavras foram agressivas para Mim, diz o Senhor. Mas vós dizeis: Que temos falado contra Ti? Vós dizeis: Inútil é servir a Deus. Que nos aproveitou termos cuidado em guardar os Seus preceitos?» Malaquias 3:13, 14.

Quando eu dirigia uma das áreas do Campo Missionário da Luz, tive o privilégio de contactar com alguns membros das várias catequese. Uma vez, numa dessas catequese, tive conhecimento de um membro baptizado, que depois de arrancar sua lavra de mandioca e de ter ganho uns 1.750\$00 com a venda que fez de quatro cabras, não entregou a Deus o seu dízimo fiel, dando apenas 25\$00 como dízimo do seu ganho. Fiz um estudo bíblico com este irmão em casa dele. Depois de orarmos juntos, li muitos textos, entre os quais os seguintes:

«Antes te lembrarás do Senhor teu Deus, que Ele é que te dá a força para adquirires poder.» «Então todo o Judá trouxe os dízimos do grão, do mosto, do azeite ao tesouro do Senhor.» «Depois fazei prova de Mim, diz o Senhor dos Exércitos... Abrirei as janelas dos céus, e derramarei uma bênção.» «Provai e vede que o Senhor é bom.» Deuteronomio 8:18; Neemias 13:12; Malaquias 3:10; Salmos 34:8.

Quando finalmente pedi ao irmão o dízimo que ele não tinha dado, sua esposa respondeu-me precipitadamente: «Porque o Senhor não pede também o dízimo aos mortos?» A minha resposta foi logo a seguinte: «Chegastes a este mundo sem coisa alguma, e é certo que nada levareis quando o deixardes. Tudo existia já ao chegardes a ele, de modo que não tendes em vós ou de vós mesmos meio algum de saber como e quando tudo quanto há na terra veio à existência».

Isto conduz-nos ao nosso primeiro e importante ponto; o homem nada trouxe para este mundo e portanto não possui coisa alguma a não ser o que o Criador tem havido por bem dar-lhe. Tudo quanto vedes ao redor teve um Criador.

Coisa alguma vem por acaso ou de si mesma. Considerai a casa em que morais. É o resultado de uma série de materiais que não foram criados por vós. O mesmo se dá quanto às roupas que vestis, às cabras e lavras que vos sustentam. Vosso corpo não surgiu por acaso, pois fostes formados de um modo terrível e tão maravilhoso. Um exame cuidadoso de cada um dos órgãos vitais vos convencerá de que tais maravilhas não vieram por acidente. É preciso que tenha havido um Idealizador, um Criador. Deus não coopera com os mortos enquanto tem os vivos. Não torneis a Deus culpado da morte. A morte veio por causa da nossa transgressão.

Depois desta conversa, o casal, passados alguns dias, comprou em segredo uma vaca. No decorrer de um ano e meio foram morrendo as suas cabras. Das oito que possuíam não restou nenhuma e finalmente a vaca morreu com uma cria no dia do parto. Não aproveitaram nem um centavo, e assim chegaram-se a mim arrependidos pedindo perdão daquela áspera resposta.

«Visto que amou a maldição, ela lhe sobrevenha, e pois que não desejou a bênção, ela se afaste dele. «Se bem fizerdes, não haverá aceitação para ti?» Salmo 109:17; Gen. 4:7.

Duas vezes pertencemos nós a Deus. Uma, pela criação, e outra pela redenção. Ele comprou-nos com Seu próprio sangue precioso. I Pedro 1:18. Não poderia dar maior preço do que dar o Seu Filho por nós. Não nos poderemos refazer ou pôr o nosso mundo em ordem, a não ser que coloquemos Deus no centro de tudo. Infelizmente, o homem, em seu egoísmo, fica absorvido com seus próprios interesses e planos, e esquece os semelhantes e o seu Deus.

Baltazar, o jovem rei da antiga Babilónia, tentou mostrar sua inteira desconsideração para com os homens e os deuses, convidando mil de seus dissolutos associados para um grande banque-

Continua na pág. 12

Perigos das bebidas alcoólicas



O álcool e as perturbações da personalidade

Se é verdade que o álcool exerce uma influência prejudicial sobre todo o organismo, já vimos que os seus efeitos se fazem sentir particularmente sobre o sistema nervoso central.

As mais elevadas funções do cérebro são postas a dormir, mesmo por pequenas doses de álcool.

Nesse estado, são esquecidas as realidades desagradáveis da vida: a consciência das deficiências próprias, os conflitos morais, as dificuldades financeiras. Daí um sentimento de bem-estar ou *euforia*, que leva a uma falsa confiança própria, e se manifesta em estulta loquacidade.

Sob a influência do álcool formam-se inconscientemente defeituosas associações de ideias e erros de juízo, que afectam a maneira habitual de pensar do alcoólico. Este facto é responsável por grande parte das suas opiniões acerca da religião, da sociedade e das normas morais; ocasiona igualmente a falta de confiança que o alcoólico em geral merece quanto ao cumprimento da sua palavra.

Como o álcool atinge os centros inibitórios do cérebro, o indivíduo sob a sua influência diz e faz coisas que não diria nem faria em estado sóbrio. Profere irreverências a propósito da religião, diz inconveniências a pessoas de sexo diferente, cai em actos de imoralidade, faz negócios ruinosos, cria dívidas, irrita-se e agride facilmente o próximo, etc.

É por isso que grande parte dos crimes são cometidos sob a influência do álcool. Quando essa influência passou, o criminoso pergunta a si mesmo como foi possível ter cometido tal acto tão contrário à sua própria vontade.

Que dizer das relações familiares? Em grande número de casos, o álcool é a causa da falta de dignidade de pais e mães, dos maus tratos entre os membros do lar, do desleixo na criação dos filhos, do ambiente sórdido da casa.

Uma das mais prejudiciais perturbações da personalidade a mencionar é a gradual incapacidade para o trabalho em que vai caindo a vítima do álcool. Todos temos observado a quantidade de operários que às segundas-feiras não comparecem no local de trabalho devido às libações alcoólicas do dia anterior. Mas não só isso. Além de se descuidar no que respeita à pontualidade, o alcoólico vai prejudicando a pouco e pouco a sua eficiência por morosidade de movimentos, por erros frequentes quando é necessária atenção e perícia, por manifestações de falta de meticulosidade e de cuidado na maneira de fazer o trabalho.

Não tardará a ter dificuldade em ganhar a própria subsistência se trabalha por conta própria ou em encontrar quem queira os seus serviços se procura patrão.

Daí a cair na pobreza vai apenas um passo.

E. F.

Histórias Africanas



ANTÔNIO E ALDA

(Moçambique)

Antônio, cristão cujos parentes eram gentios, casou-se com Alda, igualmente cristã, e trouxe-a para a sua aldeia. Havia já um ano que estavam casados, sem que se tornasse evidente que uma criança iria nascer.

A família de Antônio decide-se a agir e consulta o adivinho que, depois de por sua vez ter consultado o seu cesto de ossos, diz que Alda não tem filhos por ser cristã e por ter deixado a sua aldeia sem se ter despedido dos espíritos dos antepassados.

«Que devia então fazer-se?»

«É necessário que ela vá junto dos sepulcros, proclama o adivinho depois de uma segunda consulta. Dou-vos esta pulseira, e ela deve pô-la no braço direito e apresentar-se aos seus antepassados, dizendo: Eis-me aqui. Esta pulseira é a prova de que sou eu, Alda, que aqui estou. Despeço-me de vós, pois deixo a minha aldeia para ir para a do meu marido. Não vos zangueis comigo e dai-me a possibilidade de cumprir o meu dever de mulher e de mãe.»

Tendo voltado à aldeia, a família apresenta a pulseira a Alda. Antônio, sentado com os homens, observa a cena, não sem apreensão. Como se comportará sua mulher? O momento é decisivo.

Alda, que ouviu atentamente, fala no meio do silêncio hostil do círculo de família:

— Pais e mães, agradeço-vos pelas vossas boas intenções. Fazeis todo o possível para me livrar da dificuldade, e

o fazeis segundo as vossas crenças. Sabeis, porém, que eu creio no Deus soberano; criador do céu e da terra. Eu creio apenas na Sua força e espero d'Ele o dom que todos nós desejamos: um filho. Não disse adeus aos espíritos dos antepassados, porque eles não passam de mortos. Por conseguinte, esta pulseira é inútil, tomai-a.

Ela tira-a e depõe-na aos pés da mulher principal.

Ao ouvir estas palavras, proferidas com dignidade e voz calma, são dirigidos contra Alda gritos e injúrias como uma torrente na estação das chuvas. Seu último gesto de devolver a pulseira exaspera a assembleia.

— Antônio, bate em tua mulher, para a ensinar a obedecer às nossas ordens. Ela atrair-nos-á desgraças. Não queremos aqui uma mulher inútil. Ela poderia dar-nos filhos; só a sua teimosia a impede. É preciso obrigá-la a ir aos sepulcros. Estas jovens já não têm respeito pelos nossos costumes e pelos nossos antepassados. Aonde vamos parar? É preciso fazer-lhe compreender as coisas dando-lhe algumas vergastadas.

Antônio está agora ao lado de sua esposa.

— Levanta-te, Alda.

Estão ambos de pé, de mãos dadas. O ruído cessa, a assembleia acalma, Antônio fala, com a voz tremente de contida cólera:

— Pais e mães, compreendo o que

quereis dizer; percebo a vossa vontade de que sigamos os antigos costumes. Ora vós sabeis que somos cristãos. Tomando esta mulher, eu sabia que não obedeceríamos mais às leis do paganismo. Como Alda disse, nada pediremos aos vossos deuses. Se o nosso Deus nos quiser conceder um filho, muito bem; se no-lo recusar, seja feita a Sua vontade! Tomei esta mulher porque a amo; ainda que ela me não dê nenhum filho, continuarei a amá-la. Prometi, no dia do casamento, guardá-la, protegê-la, «nos bons e nos maus dias»... Quanto às suas obrigações para convosco, isso é outro assunto. Ela é meiga, pacífica, trabalhadora. Nunca faltou ao respeito a ninguém aqui, não é verdade?

Alguns murmuram:

— Oh! quanto a isso não a censuramos, mas a família quer uma mulher que dê filhos.

— Pois bem, o que é verdade é que neste caso a família não tem nenhum direito. Pai, quantas vacas me deste para adquirir a minha mulher?

O pai, pouco à vontade, esboçou um gesto vago.

Antônio prossegue:

— Para satisfazer aos pedidos dos pais de Alda, eu passei sem vós que recusastes ajudar-me ao passo que rebanhos desta aldeia pagaram as esposas de meus irmãos. Sobre essas mulheres vós tendes direitos. Esta, adquiri-a sozinho, com o dinheiro que ganhei. Por amor de Alda, trabalhei dois anos em Joanesburgo. Ela é minha, percebeis? Recusando fornecer o gado do *lobolo* (alambamento), privastes-vos de todo o direito sobre ela. Por isso, deixai-a em paz.

Ao ouvir o seu marido, Alda disse em seu coração: «Deus de bondade, abençoa-o; obrigada por lhe teres inspirado um amor tão belo.»

Ao ouvir o seu filho, o pai disse para si mesmo, não sem orgulho: «Que valente! Se todos os meus filhos fossem como ele, a nossa família teria um nome famoso em toda a tribo. Tenho de consultá-lo mais vezes; ele é um homem a valer.»

E acrescentou, em alta voz:

— O assunto está terminado; que cada um se ocupe da sua vida!

Enquanto certos membros da aldeia continuaram a tornar dura a vida de Alda, suas amigas crentes procuravam encorajá-la. Uma delas disse-lhe um dia:

— Parece que revivemos o tempo de Sara e de Raquel.

Ao que a jovem esposa respondeu, não sem razão:

— A Sara Deus prometera um filho, ao passo que eu não tenho nenhuma promessa. Sara tinha um bom marido; eu também. Quanto a filhos, Deus fará o que Lhe aprouver.

— Não te aflijas, Alda. Nós vamos orar com perseverança para que Deus te conceda esse dom, para tua alegria, para Sua glória e para que o paganismo seja confundido.

Felizmente não será necessário esperar — como sucedeu com Sara — até à idade de noventa anos. Mesmo assim, quatro anos se passaram até que se tornassem visíveis em Alda os sinais de uma promessa. E ainda era necessário ter a certeza disso. Assim uma nova caravana dirigiu-se ao adivinho, portadora desta pergunta:

— Nossa mulher aguarda verdadeiramente um bebé?

Os ossos do cesto responderam:

— Como esta mulher recusou obedecer às nossas ordens, não é uma criança que nascerá dela, mas um macaco.

Os pagãos, triunfantes, aumentam a sua hostilidade contra Alda. Por isso a sua vida, já difícil, torna-se intolerável.

Alda suporta tudo, porém, feliz enfim por poder em breve ter sobre o seu coração um filho. A história do macaco, que lhe contam repetidas vezes, fá-la sorrir...

Quando o bebé bate à porta para entrar no mundo, as mulheres da aldeia invadem a casa de Alda. Não querem privar-se do prazer de ver uma jovem orgulhosa dar à luz um macaco!

Grande é a sua decepção quando Antônio leva sua esposa ao hospital da Missão, apesar de todos os protestos da aldeia.

Ele volta, mas a sogra e a mãe de

Continua na pág. 11

Tem a palavra os nossos futuros obreiros

«Acabei com as coisas de menino»

Pretendo informar os leitores do «Boletim Adventista» acerca da minha vida passada. De antemão, dou muitas graças a Deus porque Ele é misericordioso e todo-poderoso.

Quando comecei a estudar, custava-me bastante e não me interessava nada o estudo.

Certo dia, veio à nossa aldeia o Sr. director António A. Valente. Essa aldeia chama-se Sassambo e fica a cerca de dois quilómetros da Missão da Luz. O sr. director disse aos pais para mandarem os filhos à Missão, para aprenderem a ler e escrever. Mas eu, quando ouvi aquelas palavras, fugi com os meus companheiros. Pensávamos o seguinte: «Então vamos deixar os nossos pais, os batiques e danças, e vamos para a Missão? Isso não pode ser!»

No entanto, passados dias resolvemos ir para a Missão para aprendermos a ler e escrever. Depois de termos iniciado os estudos, os meus olhos começaram a abrir-se e logo vi que afinal ler e escrever era bom e doce, e que as coisas passadas que andava a fazer não eram boas.

O apóstolo Paulo, escrevendo a sua primeira epístola aos Coríntios, no cap. 13 e vers. 11, diz: «Quando eu era menino, falava como menino, sentia como menino; mas logo que cheguei a ser homem, acabei com as coisas de menino».

Pela graça do nosso Deus encontro-me no Instituto do Bongo, para continuar com a mesma carreira. Se Deus quiser, hei-de sair como um dos seus obreiros para pregar esta poderosa Palavra aos que jazem nas trevas do pecado.

Que Deus abençoe grandemente a nossa Obra assim como os dirigentes, para que a Palavra possa ir avante até que Jesus venha a esta terra.

Vosso jovem,

Tavares Daniel Jones

«Tudo tem o seu tempo determinado»

Eu era uma pessoa que não conhecia nada acerca da palavra de Deus. Em 1956, meu pai obrigou-me a aprender a alfaiate. Para obedecer à palavra do pai, comecei a aprender.

No mesmo ano, veio para a Escola Adventista para a aldeia do Soba Txipato, o Ir. Celestino Ernesto Mendes, a fim de ensinar a Palavra do nosso Criador e também a ler e escrever.

Os meus amigos, juntos com o mestre daquela escola, vinham ter comigo, dizendo: «Amigo, deixa o trabalho de coser, para começar a estudar.» Eu estava muito admirado com a religião adventista, cujos membros guardam o Sábado, não comem carne de porco e não dançam nem bebem. Apesar da minha hesitação, os meus amigos, assim como o mestre, não ficavam cansados e sempre vinham animar-me.

Finalmente em 1957 sempre fui para a escola e quando passei a primeira classe o mestre disse-me: «Olha, Armando Henriques, tu tens que ir para a Missão da Luz.» Eu não queria ir, e a razão que apresentava era que não tinha dinheiro para pagar as propinas, visto não ter pais.

Mas o mestre queria que eu fosse e assim ele mesmo tratou da minha certidão no posto e deu-me o dinheiro para eu ir.

Desde que comecei os meus estudos, é ele que trata da minha vida. Até aqui posso dar graças a Deus, pois me encontro no II Ano do Curso de Catequistas. Espero que Deus me ajude a terminar o meu curso e me dê então o privilégio de levar a mesma mensagem às outras pessoas que nunca a ouviram.

Agora, reflectindo nos amigos que me ganharam, vejo que nenhum deles se encontra na Missão de Luz nem cá no Instituto do Bongo onde se preparam os obreiros. Hoje, quando vejo os outros com os seus pais, faz-me muita pena. Os versículos de Eclesiastes 3:1-9 fazem-me lembrar os tempos da minha

Através da seara de Angola

Um sonho maravilhoso

Em Joel 2:28, lemos: «E há-de ser que, depois, derramarei o Meu Espírito sobre toda a carne, e vossos filhos e vossas filhas profetizarão, os vossos velhos terão sonhos, os vossos mancebos terão visões.»

A cem metros aproximadamente da minha catequese fica situada a povoação de Micanda, com quatro casas comerciais.

Um dia, um aluno, provavelmente da idade de 12 anos, aborreceu-se da escola e foi empregar-se como criado numa das casas da referida povoação, prometendo que nunca mais voltaria à escola nem continuaria com os estudos.

Sabendo que a sua condição espiritual corria perigo, lembrei-me da passagem escrita em Provérbios 27:23: «Procura conhecer o estado das tuas ovelhas; põe o teu coração sobre o gado.»

Falei com ele para que deixasse aquele serviço e pedi-lhe para continuar com os seus estudos.

Não quis, porém, atender ao meu conselho. De noite teve um sonho, em que se lhe apresentou um varão cujo esplendor era excelente. Segundo a narrativa do rapaz, o varão visto em sonho trajava vestes brancas e o cabelo da sua cabeça era como pano branco. Este dirigiu uma pergunta ao rapaz e disse-lhe: «Que fazes aqui, Fernando?» Sua resposta foi: «Estou com o criado servindo à mesa do meu patrão». «Não fiques aqui, vai para a escola para junto do teu professor, para ali aprende-

ignorância. Há tempo de ser gentio e há tempo de ser civilizado.

Até aqui nas minhas orações, nunca me tenho esquecido da família Mendes nem dos meus professores do Instituto do Bongo.

O aluno,

Armando Henriques

res a ler e escrever. Se ficares aqui, vais morrer».

Fernando, tremendo, ao ouvir aquela voz, arrependeu-se, decidiu não continuar com aquele serviço e despediu-se do seu patrão.

No início do Sabado, 6 de Fevereiro do ano em curso, vi Fernando sentado na extremidade dum banco da igreja. Qual não foi o meu espanto, ao vê-lo sentado no banco a ouvir a palavra de Deus!

No fim da reunião, vi Fernando dirigir-se mim e narrar-me o que lhe acontecera. Disse então: «De hoje em diante nunca mais desobedecerei à sua palavra, sr. professor.» Prometeu sinceramente continuar com os seus estudos e preparar-se para ser um obreiro na causa do Mestre.

Prezado leitor, não desejarias fazer uma prece em prol do Fernando, a fim de que ele venha a ser um obreiro, segundo a sua promessa?

Todo o assinante do «Boletim Adventista» que se lembrar do Fernando nas suas orações e da Obra de Deus no Campo Missionário do Cuale e principalmente na área de Cahombo, bem haja em nome de Jesus.

Vasco Cubenda

«Entendes tu o que lês?»

«E ele disse: Como poderei entender, se alguém me não ensinar?» Actos 8:30.

A três quilómetros da minha catequese falecera uma criança. Como de costume, fui assistir ao seu óbito. E cada vez que tenho tido esta oportunidade, costume também aproveitar o meu tempo para conversar com membros de outras igrejas, bem como com gentios, acerca da doutrina adventista.

Nesse dia, conversei animadamente com alguns membros de outras igrejas e também com gentios. A nossa discussão era sobre o segunda vinda de Jesus e a ressurreição dos mortos.

Entre aquelas pessoas, encontra-

vam-se duas muito duras a respeito do assunto. Temeram bastante ao ouvir da minha boca que Cristo virá outra vez. Apresentei-lhes vários textos das Sagradas Escrituras e ao mesmo tempo dei-lhes uma boa explicação sobre os dois assuntos. Embora essas duas pessoas se não convencessem, muitos dos que estavam presentes acreditaram na minha mensagem para eles.

Momentos depois, um dos presentes disse-me: «Acreditei em tudo, mas dizer que Cristo virá outra vez, isso acho impossível.»

Fiquei imensamente satisfeito, porque Deus me concedeu aquela oportunidade para esclarecer melhor a Sua Palavra àquelas almas. Eles interpretavam a passagem de João 14:1-3 da seguinte maneira: que Jesus Cristo vem a cada indivíduo no dia da morte e depois disso não virá mais.

Assim, um disse: «Por exemplo, Ele hoje veio buscar esta criança.»

O mesmo disse-me: «Afinal costumamos enganar também a tua esposa, dizendo que Jesus virá outra vez?»

Eu disse-lhe: «É verdade, porque a própria Palavra de Deus disse que se Ele não vem mais, é vã a nossa esperança e os que n'Ele dormem estão perdidos. Certamente Ele virá para buscar todos os que O esperam em verdade. Portanto, irmãos, preparemos os nossos corações, para que quando vier nos possa levar para Ele mesmo, e onde Ele estiver estejamos nós também. 'Ora, quando aparecer nas nuvens dos céus, todos nós seremos transformados num momento, num abrir e fechar de olhos ante a última trombeta; porque a trombeta soará e os mortos ressuscitarão incorruptíveis'. I Coríntios 15:51, 52. Que classe de mortos ressuscitará então? 'Porque o mesmo Senhor descera do Céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro'. I Tessalonicenses 4:16.»

Voltemos então à pergunta de Filipe ao eunuco: «Entendes tu o que lê?» E ele disse: «Como poderei entender se alguém me não ensinar?» Actos 8:30.

Prezados leitores: Ao nosso redor há muitas pessoas ignorantes. Têm Bí-

blia e andam com ela nas suas mãos e sabem ler as Sagradas Escrituras. Mas o que lhes sucede? Não entendem o que lêem, porque não há quem lhes explique melhor. O nosso dever, como servos do Senhor, é esclarecer-lhes melhor a santa Palavra de Deus, para que entendam o que estão lendo e compreendam qual é a vontade de Deus para conosco.

«Portanto, ide, ensinai todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. Ensinando-as a guardar todas as coisas que Eu vos tenho mandado; e eis que estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos. Amen». Mateus 28: 19, 20.

Evaristo Moma

A tribulação do obreiro

A Bíblia diz-nos que «se somos atribulados, é para vossa consolação e salvação; ou, se somos consolados, para vossa consolação é, a qual se opera suportando com paciência as mesmas aflições que nós também padecemos». II Coríntios 1:6.

Em 26 de Abril de 1961, quando me encontrava na prisão em Teixeira de Sousa, lembrei-me deste versículo.

Embora me tenham castigado muito, não esqueci o meu Deus. Da prisão mandei chamar a minha esposa e filhos. Quando vieram, fiz com eles a minha oração de despedida. Depois entreguei 370\$00 para darem na igreja como dizimo do Senhor.

Logo que o diácono da igreja do Txipato recebeu o meu dizimo, toda a congregação se uniu em oração por mim.

Não posso explicar tudo por minhas palavras. Por isso deixo a Bíblia falar: «Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a tribulação que nos sobreveio na Ásia, pois que fomos sobremaneira agravados mais do que podíamos suportar, de modo tal que até da vida desesperámos. Mas já em nós mesmos tínhamos a sentença de morte para que não confiássemos em nós, mas em Deus

que ressuscita os mortos. O qual nos livrou de tão grande morte e livrará, em quem esperamos que também nos livrará ainda.» II Coríntios 1:8, 9.

Agradecemos ao Senhor por nos ter concedido mais esta notável vitória.

Vosso muito sinceramente

E. Celestino Mendes

A minha conversão

Eu era um grande pecador. Vivía uma vida pecaminosa. Embriagava-me muito com as bebidas alcoólicas fabricadas pelos nativos; sabia dançar e andava numa vida de corrupção. Quando o Irmão Levi Agostinho abandonou a aldeia, nós todos ficámos zangados com a atitude que ele tomou, pensando que por fim acabaria por chamar os seus irmãos para o destino que escolhera. Na nossa aldeia fizemos um pacto que qualquer rapaz ou rapariga que seguisse o exemplo do Levi seria maltratado ou até morto. Com esta ameaça muitos não foram à Missão da Luz para assistir às reuniões e à Escola Sabatina, nem frequentar a Escola daquela Missão; porém como o Levi já se encontrava lá continuou animado com os conselhos do Pastor Jewell e sua esposa até que se fez obreiro no serviço de Deus.

Eu, daí em diante, sempre fazia o que era mal aos olhos do Senhor. Uma vez, o velho Noé Matos prégou-me acerca de Jesus e não lhe dei ouvidos; nas outras reuniões de estudos bíblicos que ele andava a efectuar em minha casa, comecei a compreender o mal que praticava. Os que me conheciam chamavam-me tocador de batuques para as mulheres dançarem e era eu assim cognominado e não gostava de deixar esta arte. Como o velho Noé Matos persistisse com estudos bíblicos, aceitei a mensagem.

«Estás a tardar, estás a tardar» — ouvia-se sempre da boca de Noé Matos, e finalmente arrumei a minha bagagem rumo à Missão da Luz, onde encontrei o sr. director Jewell, e com a sua ajuda, graças a Deus, consegui ficar mui-

to tempo com os outros irmãos da fé na Missão da Luz.

Depois que o missionário foi transferido com a sua família, a quem eu tanto amava, pensei voltar a minha aldeia e encontrar-me com os que deixara naquela vida de glotonaria e embriaguês.

Tempo depois, aceitei a fé católica; daí tive contacto com o Pastor Isaías Gonçalves, que me disse que andava enganado e me convidou a voltar de pressa para a religião que tinha deixado. Com a sua ajuda e a do seu catequista Tiago Ferreira fiquei convencido do erro que praticara. Provei as Escrituras e vi que eram verdades eternas para a salvação daquele que crê.

Fui baptizado! Agora, graças a Deus e à pregação do Evangelho, estou animado e prometendo com a ajuda de Deus e com as orações dos irmãos espalhados pelo mundo fora, que oram por aqueles que ainda não entraram no aprisco do Senhor, que farei a minha parte para levar o conhecimento de Jesus a essas almas que ainda não conhecem a mensagem.

Caro leitor, não queres tu fazer o mesmo?

Catequese de Sandando — Muxixe.

João Rafael Kungunua

António e Alda

(Moçambique)

Continuação da pág. 7

Alda, bem como a mulher principal da aldeia, ficam no hospital.

Qual não é a sua estupefacção ao verem nascer uma menina muito parecida com o pai! A avó materna dá gritos de prazer como raramente se ouvem naquela terra. As duas sogras exclamam, falam, riem, choram, ao passo que a mulher principal da aldeia, depois de ter examinado bem o bebé e de ter constatado que é verdadeiramente uma menina bem formada, com braços normais, sem pêlos nem cauda, esquecendo toda a sua dignidade, executa uma dança frenética. Ela própria anun-

vam-se duas muito duras a respeito do assunto. Temeram bastante ao ouvir da minha boca que Cristo virá outra vez. Apresentei-lhes vários textos das Sagradas Escrituras e ao mesmo tempo dei-lhes uma boa explicação sobre os dois assuntos. Embora essas duas pessoas se não convencessem, muitos dos que estavam presentes acreditaram na minha mensagem para eles.

Momentos depois, um dos presentes disse-me: «Acreditei em tudo, mas dizer que Cristo virá outra vez, isso acho impossível.»

Fiquei imensamente satisfeito, porque Deus me concedeu aquela oportunidade para esclarecer melhor a Sua Palavra àquelas almas. Eles interpretavam a passagem de João 14:1-3 da seguinte maneira: que Jesus Cristo vem a cada indivíduo no dia da morte e depois disso não virá mais.

Assim, um disse: «Por exemplo, Ele hoje veio buscar esta criança.»

O mesmo disse-me: «Afinal costumamos enganar também a tua esposa, dizendo que Jesus virá outra vez?»

Eu disse-lhe: «É verdade, porque a própria Palavra de Deus disse que se Ele não vem mais, é vã a nossa esperança e os que n'Ele dormem estão perdidos. Certamente Ele virá para buscar todos os que O esperam em verdade. Portanto, irmãos, preparemos os nossos corações, para que quando vier nos possa levar para Ele mesmo, e onde Ele estiver estejamos nós também. 'Ora, quando aparecer nas nuvens dos céus, todos nós seremos transformados num momento, num abrir e fechar de olhos ante a última trombeta; porque a trombeta soará e os mortos ressuscitarão incorruptíveis'. I Coríntios 15:51, 52. Que classe de mortos ressuscitará então? 'Porque o mesmo Senhor descera do Céu com alarido, e com voz de arcanjo, e com a trombeta de Deus; e os que morreram em Cristo ressuscitarão primeiro'. I Tessalonicenses 4:16.»

Voltemos então à pergunta de Filipe ao eunuco: «Entendes tu o que lê?» E ele disse: «Como poderei entender se alguém me não ensinar?» Actos 8:30.

Prezados leitores: Ao nosso redor há muitas pessoas ignorantes. Têm Bí-

blia e andam com ela nas suas mãos e sabem ler as Sagradas Escrituras. Mas o que lhes sucede? Não entendem o que lêem, porque não há quem lhes explique melhor. O nosso dever, como servos do Senhor, é esclarecer-lhes melhor a santa Palavra de Deus, para que entendam o que estão lendo e compreendam qual é a vontade de Deus para conosco.

«Portanto, ide, ensinaí todas as nações, baptizando-as em nome do Pai, e do Filho e do Espírito Santo. Ensinando-as a guardar todas as coisas que Eu vos tenho mandado; e eis que estou convosco todos os dias, até à consumação dos séculos. Amen». Mateus 28:19, 20.

Evaristo Moma

A tribulação do obreiro

A Bíblia diz-nos que «se somos atribulados, é para vossa consolação e salvação; ou, se somos consolados, para vossa consolação é, a qual se opera suportando com paciência as mesmas aflições que nós também padecemos». II Coríntios 1:6.

Em 26 de Abril de 1961, quando me encontrava na prisão em Teixeira de Sousa, lembrei-me deste versículo.

Embora me tenham castigado muito, não esqueci o meu Deus. Da prisão mandei chamar a minha esposa e filhos. Quando vieram, fiz com eles a minha oração de despedida. Depois entreguei 370\$00 para darem na igreja como dízimo do Senhor.

Logo que o diácono da igreja do Txipato recebeu o meu dízimo, toda a congregação se uniu em oração por mim.

Não posso explicar tudo por minhas palavras. Por isso deixo a Bíblia falar: «Porque não queremos, irmãos, que ignoreis a tribulação que nos sobreveio na Ásia, pois que fomos sobremaneira agravados mais do que podíamos suportar, de modo tal que até da vida desesperámos. Mas já em nós mesmos tínhamos a sentença de morte para que não confiássemos em nós, mas em Deus

que ressuscita os mortos. O qual nos livrou de tão grande morte e livrará, em quem esperamos que também nos livrará ainda.» II Coríntios 1:8, 9.

Agradecemos ao Senhor por nos ter concedido mais esta notável vitória.

Vosso muito sinceramente

E. Celestino Mendes

A minha conversão

Eu era um grande pecador. Vivía uma vida pecaminosa. Embriagava-me muito com as bebidas alcoólicas fabricadas pelos nativos; sabia dançar e andava numa vida de corrupção. Quando o Irmão Levi Agostinho abandonou a aldeia, nós todos ficámos zangados com a atitude que ele tomou, pensando que por fim acabaria por chamar os seus irmãos para o destino que escolhera. Na nossa aldeia fizemos um pacto que qualquer rapaz ou rapariga que seguisse o exemplo do Levi seria maltratado ou até morto. Com esta ameaça muitos não foram à Missão da Luz para assistir às reuniões e à Escola Sabatina, nem frequentar a Escola daquela Missão; porém como o Levi já se encontrava lá continuou animado com os conselhos do Pastor Jewell e sua esposa até que se fez obreiro no serviço de Deus.

Eu, daí em diante, sempre fazia o que era mal aos olhos do Senhor. Uma vez, o velho Noé Matos prégou-me acerca de Jesus e não lhe dei ouvidos; nas outras reuniões de estudos bíblicos que ele andava a efectuar em minha casa, comecei a compreender o mal que praticava. Os que me conheciam chamavam-me tocador de batuques para as mulheres dançarem e era eu assim cognominado e não gostava de deixar esta arte. Como o velho Noé Matos persistisse com estudos bíblicos, aceitei a mensagem.

«Estás a tardar, estás a tardar» — ouvia-se sempre da boca de Noé Matos, e finalmente arrumei a minha bagagem rumo à Missão da Luz, onde encontrei o sr. director Jewell, e com a sua ajuda, graças a Deus, consegui ficar mui-

to tempo com os outros irmãos da fé na Missão da Luz.

Depois que o missionário foi transferido com a sua família, a quem eu tanto amava, pensei voltar a minha aldeia e encontrar-me com os que deixara naquela vida de glotonaria e embriaguês.

Tempo depois, aceitei a fé católica; daí tive contacto com o Pastor Isaías Gonçalves, que me disse que andava enganado e me convidou a voltar depressa para a religião que tinha deixado. Com a sua ajuda e a do seu catequista Tiago Ferreira fiquei convencido do erro que praticara. Provei as Escrituras e vi que eram verdades eternas para a salvação daquele que crê.

Fui baptizado! Agora, graças a Deus e à pregação do Evangelho, estou animado e prometendo com a ajuda de Deus e com as orações dos irmãos espalhados pelo mundo fora, que oram por aqueles que ainda não entraram no aprisco do Senhor, que farei a minha parte para levar o conhecimento de Jesus a essas almas que ainda não conhecem a mensagem.

Caro leitor, não queres tu fazer o mesmo?

Catequese de Sandando — Muxixe.

João Rafael Kungunua

António e Alda

(Moçambique)

Continuação da pág. 7

Alda, bem como a mulher principal da aldeia, ficam no hospital.

Qual não é a sua estupefacção ao verem nascer uma menina muito parecida com o pai! A avó materna dá gritos de prazer como raramente se ouvem naquela terra. As duas sogras exclamam, falam, riem, choram, ao passo que a mulher principal da aldeia, depois de ter examinado bem o bebé e de ter constatado que é verdadeiramente uma menina bem formada, com braços normais, sem pêlos nem cauda, esquecendo toda a sua dignidade, executa uma dança frenética. Ela própria anun-

copiosas bênçãos e favores concedidos à Sua Causa, e rogamos-Lhe que cumpra no Seu povo as Suas maravilhosas promessas de que estará connosco até a consumação dos séculos.

Vosso no Senhor

Américo de Jesus Rodrigues

Campo M. do Cuale

Visita de Sua Excelência o Governador Geral

Era grande a expectativa na Missão do Cuale no dia 28 de Fevereiro.

Por várias vezes tinha sido anunciada a visita de Sua Excelência o Governador Geral à Povoação do Cuale.

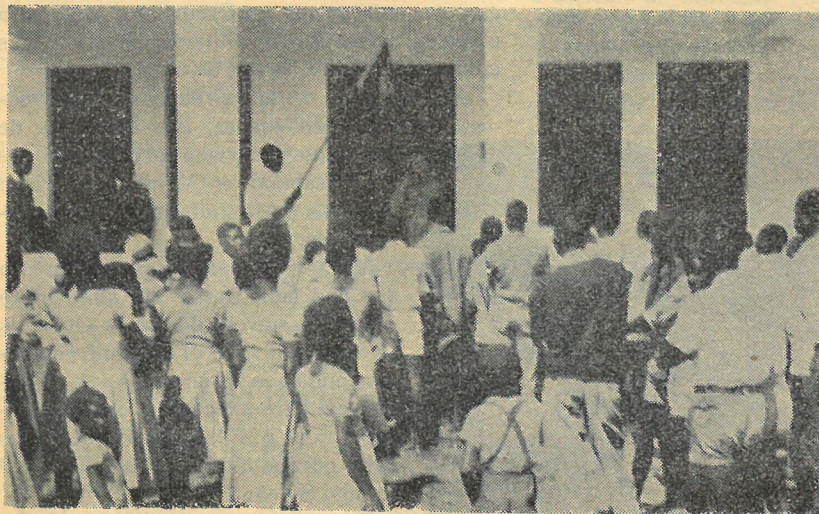
Agora era certa a sua vinda e por isso quisemos preparar tudo para receber tão ilustre visitante.

Na entrada da Missão colocámos um pano de cinco metros com as palavras: «A Missão Adventista do Sétimo Dia do Cuale saúda Sua Excelência o Senhor Governador Geral de Angola».

Na estrada para a povoação colocámos um grande arco feito de ramos de palmeira.

Nesta mesma estrada principal, a igual distância entre as duas estradas que dão acesso à Missão, colocámos paus com folhas de palmeira e entre eles bandeiras em papel de de cor.

O Sr. Administrador do Posto tinha pedido para estarmos na povoação, mas como não havia a certeza se Sua Excelência visitaria a Missão ou não, combinámos dividir em dois grupos os alunos e pessoal da Missão: metade ficaria na Missão e outra metade ficaria na Povoação. Com o grupo que foi para a povoação estava um pano com o distico: «Missão Adventista — Presente».



Na Visita de Sua Excelência o Governador Geral à Escola da Missão do Cuale

Tudo estava, pois, preparado nesta manhã de sol do dia 28.

A chegada estava prevista para as nove e meia da manhã, mas eram nove horas quando os carros da Imprensa chegaram.

Neles vinham velhos amigos, como Pitagros Dias, do Rádio Clube de Angola, e José Beringuel, do Rádio Clube de Malanje.

Pelas nove e quinze, alguém diz: «Lá vêm mais carros».

Olhando, divisámos a bandeirinha num jeep. Era o carro de Sua Excelência.

Como era de calcular, o nervosismo era grande, pois não sabíamos o que se iria passar.

O carro aproxima-se, o porta-bandeira levanta a bandeira, o carro chega mais perto de nós e notámos a mão do condutor de fora do carro.

O carro parou e Sua Excelência saiu, juntamente com o Senhor Administrador do Concelho, grande amigo nosso.

Se existia nervosismo da nossa parte, ele desapareceu depressa. Sua Excelência é na realidade duma simpatia admirável, deixando as pessoas bem dispostas.

O Sr. Administrador fez as apresentações e Sua Excelência aperta a mão a todos os obreiros e dirige palavras de saudação a todos.

Convidámos Sua Excelência a visitar a Missão, convite que aceitou de bom grado, e dirigimo-nos ao edifício da Igreja. Sua Excelência pára e, olhando para toda a Missão, diz: «Está tudo muito bonito, está tudo muito bem arranjado».

Enquanto caminhávamos, o Snr. Governador Geral mostrou um grande interesse pelo nosso trabalho, demonstrado pelas perguntas que nos dirigiu.

Visitada a Igreja, onde Sua Excelência esteve em respeitoso silêncio e que, conforme manifestou, achou muito bonita, dirigimo-nos para o Hospital. Este foi visitado demoradamente, e Sua Excelência quis saber algo sobre o nosso trabalho médico.

Sendo informado, pelos números que lhe foram dados, do trabalho de assistência feito no ano anterior no nosso Dispensário, achou formidável o que se estava fazendo.

Dali dirigimo-nos para a Escola, que também foi visitada demoradamente.

Depois de ver a Escola e os livros que usávamos e que são os aprovados oficialmente, e depois de várias perguntas sobre o nosso sistema de educação, dirigimo-nos para a saída, onde alu-

nos e professores esperavam. Quando Sua Excelência apareceu, foi cantado o Hino Nacional, que foi por todos escutado em respeitoso silêncio.

Foram dados vários vivas, que Sua Excelência agradeceu.

Convidado a visitar o resto da Missão, o Snr. Governador Geral disse estar satisfeito com o que tinha visto e ouvido dentro da Missão.

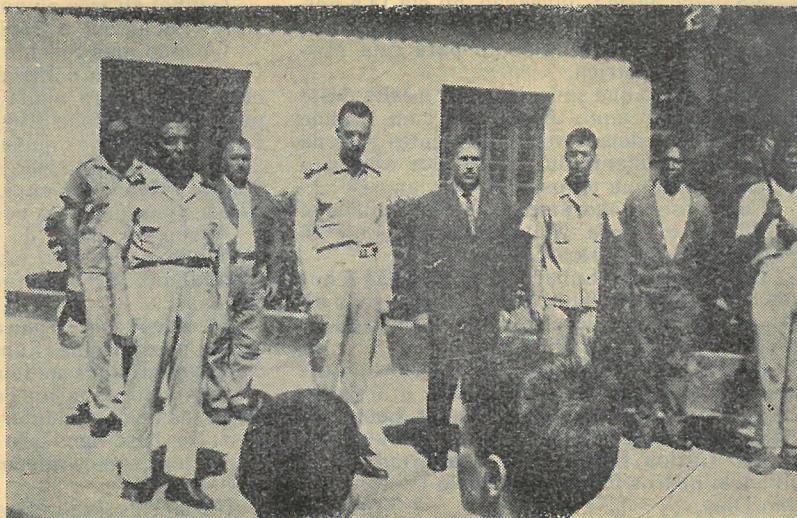
Despedimo-nos de Sua Excelência, agradecendo a sua visita, e dirigimo-nos para a povoação, para a recepção oficial. Ali o nosso coro cantou o Hino Nacional e em seguida cantou mais uns hinos, um dos quais foi transmitido pelo Rádio Clube de Malanje, que se dignou fazer referências ao nosso trabalho.

No dia 1 de Março Sua Excelência regressa a Malanje e acompanhamo-lo ao limite do Posto Administrativo.

O Senhor Governador Geral despede-se de todos os obreiros e demais pessoas, beija os nossos filhos e quando, despedindo-nos, lhe dissemos: «Deus guarde e abençoe Vossa Excelência», mostrou-se comovido.

Assim terminou a visita do Senhor Governador Geral à Missão do Cuale. Segundo as palavras do Sr. Administrador do Concelho, «Sua Excelência foi belamente satisfeito com o que viu».

Praza a Deus que tenhamos contribuído



Sua Excelência o Governador Geral na sua visita à Missão do Cuale

com a nossa parte para elevar o nome do nosso bom Deus e para conhecimento da Obra do Senhor na Terra.

Vosso no Mestre

Carlos de Ascenção Esteves

Convenção de Obreiros

Realizou-se de 14 a 20 de Março, na Missão do Cuale, uma Convenção de Obreiros.

Para presidir a esta Convenção, deslocou-se a esta Missão o presidente da União Angolana dos Adventistas do Sétimo Dia, Pastor Ernesto Ferreira.

Estiveram presentes nesta Convenção 61 obreiros vindos das diferentes partes deste vasto Campo Missionário.

Os trabalhos foram assim distribuídos:

«Actividades do Obreiro» e «Vida de Família do Obreiro» — Pastor Ernesto Ferreira.

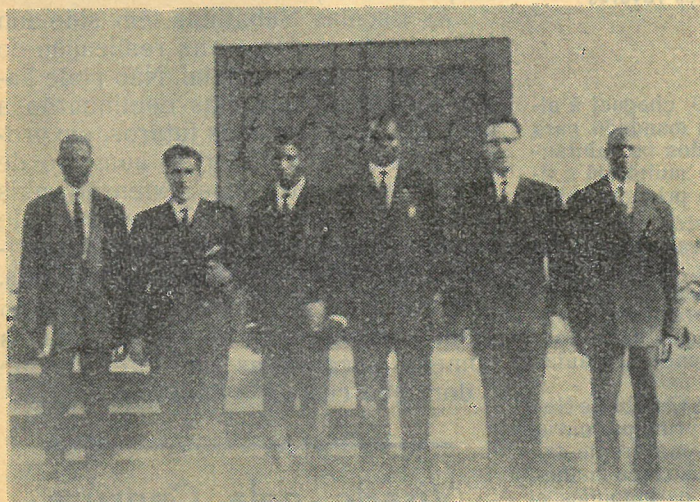
«Homilética» e «Ensino Escolar» — Pastor Carlos A. Esteves.

«História da Denominação» — João Cordas Tavares.

«Fisiologia e Higiene» — D. Mercedes Esteves.

No decorrer dos trabalhos pudemos apreciar o entusiasmo com que os nossos obreiros seguiam todas as actividades desta Convenção.

Certamente esta Convenção foi uma bênção e um poderoso auxílio para o trabalho futuro dos obreiros deste Campo.



Pastores Gouveia Mesaque (o 3.º a contar da direita) e Maravilha Antunes (o 3.º a contar da esquerda) no dia da sua consagração ao ministério

No início desta Convenção, no dia 14 à noite, foi inaugurado pelo presidente da União um importante melhoramento para esta Missão — a luz eléctrica.

Já há muito que se fazia sentir a falta deste melhoramento aqui. Assim foi com grande alegria que pudemos ver as diferentes ruas da Missão devidamente iluminadas por essa maravilhosa luz, que todos nós apreciamos.

Para esse melhoramento muito contribuiu o esforço e a boa vontade do Director da Missão, Pastor Carlos Esteves.

Realizou-se no Sábado, dia 20, pelas 3 horas da tarde, a cerimónia de Consagração ao Ministério de dois obreiros deste Campo: Gouveia Mesaque e Maravilho Antunes.

Presidiu à cerimónia o Pastor Ernesto Ferreira. Foi ele que no sermão. A oração de consagração foi feita pelo Pastor Leonardo Chicondo. A investidura esteve a cargo do Pastor Carlos Esteves. As boas vindas aos novos ministros foram dadas pelo Pastor Paulino Dias.

Finalmente os novos pastores apresentaram o seu testemunho perante a congregação. À saída, foram muito felicitados.

Este foi, sem dúvida, um acontecimento de grande relevo na história da Obra Adventista entre a tribo dos Gingas. Com efeito, o Pastor Gouveia Mesaque é o primeiro obreiro desta tribo a ser consagrado ao ministério. Assim a obra aqui fica enriquecida com mais dois pastores.

Oxalá o Senhor Ihes dê uma ampla visão e compreensão da responsabilidade que agora pesa sobre eles.

Com esta cerimónia ficou encerrada a Convenção de Obreiros, que sem dúvida será memorável para todos os que a ela assistiram.

Fazemos votos para que, no futuro, mais convenções desta natureza se possam realizar neste Campo, para aperfeiçoamento dos obreiros e para o progresso da Obra de Deus entre a tribo dos Gingas.

João Cordas Tavares

Campo M. da Luz

No dia 16 de Junho de 1959, cheguei à aldeia de Sachicumba, aonde fui mandado para ali trabalhar. Encontrámos todos os habitantes da aldeia com uma doença muito má e ficámos com medo. Então veio o primeiro velho da aldeia e disse-me: «Ó mestre, não fiques triste e não penses voltar lá para a Missão. Isto passa.» E assim nos animou.

No dia seguinte à noite chamei aquela gente para ouvirem uma pequena pregação. A minha mulher fez a primeira oração. Gostaram de ouvir e começaram a aprender a cantar hinos.

Continuámos a trabalhar até Outubro e Novembro. Parecia que o povo a princípio ouvia a mensagem, mas o Diabo passou à frente daquelas pessoas, e cada um queria cinco mulheres, e queriam continuar com os batuques e feitiços e não tinham mais interesse em ser cristãos.

Ganhei ali três alunos, Paulo Sachicumba, Lucas Sacâmbua e Daniel Sacâmbua.

Quando num Sábado veio o nosso P. Isaías Gonçalves, com o Professor Diogo da Silva, que nessa altura ainda estava no Muxixe, o pastor leu em João 3:18: «Quem crê n'Ele não é condenado; mas quem não crê já está condenado; porquanto não crê no nome do Unigénito Filho de Deus». Depois disse: «Não vale a pena deixar o nosso catequista aqui».

Assim, no dia 17 de Fevereiro de 1960 fui mandado para outro lugar chamado Caionga (Sandando). Ali nos receberam muito contentes.

As casas eram de pau a pique e perguntei então ao nosso irmão Funete Sôzinho: «Porque estão assim as casas feias»? Ele disse-me que a rainha não tinha boa casa e que se fôssemos ter casas boas ela mataria o que tivesse boa casa. Eu disse-lhe: «Isso foi nos tempos passados. Agora somos adventistas. Façamos boas casas».

No mês de Junho fizemos os adobes e depois construímos casas boas.

Hoje aqui na região do Sandando a Palavra do Senhor é viva e sempre forte. Há muitas casas de adobes. Por meio dos mestres da Missão da Luz veio o bem para este povo.

O vosso servo em Cristo

A. Tiago Ferreira

O Dom que Conta

Continuação da pág. 3

50 por cento as ofertas regulares da Escola Sabatina, não só será enriquecido o tesouro do Senhor, mas também a alma do doador. Esperamos que este plano de aumentar as ofertas possa começar desde já.

As Escolas Sábatinas têm sido um instrumento poderoso na realização do nosso programa mundial. Não pode haver dúvida de que elas continuarão a sê-lo nos meses e anos futuros, em proporção cada vez maior. O aumento de fundos significará uma extensão mais ampla da nossa obra. O aumento de ofertas requer sacrifício, mas o sacrifício não deixa de ter as suas bênçãos.

É verdade hoje, como o era quando Jesus junto da arca do tesouro via os homens lançarem as suas ofertas, que o dom que custa é o dom que conta.

Visado pela Censura